



XI Colóquio Internacional
“Educação e Contemporaneidade”
São Cristóvão/SE/Brasil
21 a 23 de Setembro de 2017
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.:
Veleida Anahi
Bernard Charlort
Método de
Avaliação: Double
Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

PRINCIPAIS QUEIXAS E RELATOS DE MÃES PARTICIPANTES DE UM GRUPO DE INTERVENÇÃO

KATIANE DOS SANTOS COSTA
MARGARIDA MARIA SILVEIRA BRITTO DE CARVALHO
MARIA BENEDITA LIMA PARDO

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Resumo: Este trabalho descreve as principais queixas relatadas por mães participantes de um Grupo de Orientação a Pais, as mudanças observadas nelas próprias após o término do GO, bem como suas opiniões sobre o do funcionamento do grupo. O trabalho foi desenvolvido em uma Clínica Escola e foram participantes três mães que deram informações a respeito de seus filhos e do GO através de entrevista inicial e final e de seus relatos no transcorrer das sessões. Dentre as queixas, assinalaram-se a desobediência, o desrespeito e a rebeldia. Quanto às mudanças, citaram que se sentiram mais úteis, mais calmas e ensinando a outros pais o que estavam aprendendo. As opiniões sobre o grupo versara, sobre a oportunidade de troca de experiências e do aprendizado através dos temas selecionados para discussão. Esses achados podem contribuir para o aprimoramento dos grupos de orientação.

Palavras-chave: orientação a pais, queixas, intervenção.

Abstract: This paper describes the main complaints reported by participating mothers of GO, the changes observed in them after the end of GO, as well as their opinions regarding the functioning of the group. The work was developed in a Clinic School and three mothers who have participated gave information regarding their children and GO through initial and final interview and their reports during the sessions. Among the complaints were disobedience, disrespect and rebellion. As for the changes, they mentioned that they felt more useful, calmer, and teaching other parents what they were learning. The opinions about the group will be on the opportunity to exchange experiences and learn through the themes selected for discussion. These findings may contribute to the improvement of orientation groups.

Key-words: orientation to parents, complaints, intervention.

INTRODUÇÃO

A família possui papel fundamental no desenvolvimento da criança, por ser este o primeiro contexto social no qual ela é inserida, sendo os pais aqueles que atuam como mediadores para o processo de socialização (BOLSONI-SILVA & LOUREIRO, 2011). A partir dessa perspectiva, vários autores reconhecem a importância das práticas positivas parentais na manutenção e/ou aparecimento de comportamentos favoráveis. De acordo com Pardo, Carvalho e Santos (2012), as práticas positivas parentais envolvem “uso adequado da atenção, distribuição de privilégios e o comportamento moral que implica promover condições favoráveis ao desenvolvimento de virtudes, tais como empatia, senso de justiça, responsabilidade e trabalho” (p.2). Através dessas práticas podem ser evitados o aparecimento de vários problemas comportamentais que podem ser entendidos como aqueles que prejudicam ou impedem o desenvolvimento saudável da criança (PARDO, CARVALHO & SANTOS, 2012).

As práticas parentais negativas seriam voltadas para comportamentos dos pais de cunho coercitivo e falta impor de

limites nas atitudes do filho, tais como abuso físico, disciplina relaxada, punição inconsciente, entre outros. A literatura aponta que esse modo de agir com a criança pode ser prejudicial ao desenvolvimento. Dessa forma, Bolsoni-Silva e Maturano (2002) afirmam que os pais precisam se comportar de forma socialmente adequada sendo habilidosos ao invés de coercitivos e agressivos, a fim de promoverem a competência social dos seus filhos, fazendo com que eles também apresentem comportamentos adequados.

Tendo em vista que o comportamento dos pais pode ter um caráter decisivo na manutenção de comportamentos positivos e prevenção de problemas dos filhos, programas direcionados a orientação dos pais apresentam-se como muito relevantes e se tornaram uma modalidade alternativa de tratamento desde a década de 60 (PARDO, CARVALHO & SANTOS, 2012). Assim, tendo como propósito a orientação e auxílio aos pais no processo de educação dos filhos, o trabalho do Grupo de Orientação a Pais (GO) vem sendo desenvolvido desde 2004, no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) vinculado a Universidade Federal de Sergipe. Os pais que procuram apoio em grupos de orientação como este, na maioria das vezes, sentem dificuldades com a educação dos filhos, não conseguindo compreender o motivo da desobediência ou de agressividade, por exemplo.

Desse modo, este trabalho propõe-se a descrever as principais queixas relatadas pelas mães que participaram do GO em 2016. Também são apresentadas suas opiniões e possíveis mudanças relatadas pelas mesmas após suas participações no grupo.

METODOLOGIA

Participantes:

Participaram três mães com a média de idade de 38,6, sendo que duas delas possuíam o ensino fundamental incompleto enquanto uma possuía ensino superior incompleto. Em relação ao estado civil, uma mãe era casada, outra separada e a terceira solteira, sendo que duas delas afirmaram serem donas de casa, enquanto que uma é desempregada. Sobre as crianças envolvidas, todas estudavam séries do ensino fundamental e possuíam idade de 4 e 10 anos com uma média de 8 anos de idade.

Local:

Todas as etapas desenvolvidas no decorrer do GO foram realizadas no Serviço de Psicologia Aplicada da UFS, na sala de supervisão. Também foram utilizadas outras salas para que as crianças pudessem ficar brincando ou realizando outras atividades enquanto as mães participavam das sessões.

Materiais e Instrumentos:

Foram utilizados dois roteiros de entrevista inicial e final, aplicados antes e após o encerramento dos encontros do GO, respectivamente.

O objetivo da entrevista inicial foi coletar informações sobre as queixas das mães, a dinâmica familiar, a vida escolar da criança e a participação da mãe nesta, as práticas educativas adotadas e expectativas em relação ao grupo. Por sua vez, o objetivo da entrevista final foi identificar se houve alterações nas queixas trazidas pelas mães antes de iniciar o GO e as mudanças ocorridas ao longo das sessões, tanto em relação aos comportamentos da criança, quanto ao modo de agir da mãe.

Para realização das sessões dos grupos de orientação, foram utilizados diversos materiais, entre eles: Datashow, papel, lápis de cor, livros de historinhas, brinquedos, barbante, tinta, jogos.

Procedimentos de coleta de dados:

Para compor o grupo, foram feitas ligações telefônicas para mães que estavam inscritas no SPA, mas se encontravam na lista de espera para atendimento psicoterapêutico. Durante as ligações foi verificada a disponibilidade de dia e horário das mães. Foram realizadas oito sessões com essas mães com dinâmicas de grupo e orientações a respeito

da educação de seus filhos e a dinâmica familiar. A partir da primeira sessão foram aplicados os instrumentos de coleta de dados para que fosse possível descrever o perfil dos participantes e as suas demandas. Buscou-se observar as percepções das mães sobre as práticas educativas e as possíveis mudanças necessárias. No final, foi aplicada uma entrevista final para obter informações de possíveis mudanças proporcionadas pelo grupo de orientação através dos relatos das mães.

Procedimentos de análise de dados:

A análise das entrevistas iniciais e finais foi realizada de forma descritiva utilizando-se de análise de conteúdo (Bardin, 2004) e de categorizações de algumas de suas falas comparadas nos dois momentos principalmente quanto as queixas apresentadas.

A intervenção:

As sessões de intervenção relatadas neste trabalho aconteceram em oito encontros no decorrer de dois meses. Devido ao deslocamento e outras interferências que são difíceis de contornar, algumas mães acabavam não comparecendo a todas as sessões, embora tenham participado da maioria delas.

A organização e direção do grupo foram realizadas por duas professoras e três alunas. A cada semana, as mesmas se reuniam para planejar as tarefas que iriam ser realizadas e os temas que iriam ser trabalhados durante as sessões, tudo de acordo com as demandas trazidas pelas mães. Eram trabalhados temas como: agressividade, desobediência, falta de limites, a importância do afeto, a importância do exemplo, das brincadeiras e a função do elogio. Foram utilizados slides ilustrativos e trechos de filmes e/ou vídeos. Houve também sessões de brincadeiras, nas quais cada mãe ficava encarregada de levar seu filho e brincar junto com ele da forma que achasse mais conveniente. A cada sessão, as alunas ficavam encarregadas de escrever um relatório descrevendo minuciosamente o que ocorria em cada sessão.

Durante as sessões do GO, muitos problemas familiares que não tangem apenas a educação dos filhos acabavam sendo suscitados, as mães relatavam que se sentiam acolhidas e ouvidas. Porém, é preciso ressaltar que o trabalho realizado nos grupos de orientação de pais é de caráter psicoeducacional e não terapêutico. Dessa forma, era necessário manter o objetivo principal das sessões do grupo no qual são promovidas oportunidades de troca de informações entre os orientadores do grupo e os participantes e entre os próprios pais. A orientação que é dada sobre a atuação dos pais/familiares quanto a problemas comportamentais, emocionais e de aprendizagem proporciona a criação de estratégias para melhor educar os filhos.

RESULTADOS

Resultados da Entrevista Inicial

Em relação às queixas que levaram as mães a participarem do GO, referiam-se à desobediência, não aceitação das opiniões da mãe, responder mal, não querer ajudar nos afazeres domésticos, enquanto outras se referem a conversar sozinho, ouvir música e assistir TV em momentos inadequados.

Quadro 1 - Queixas das mães em relação aos filhos.

	Queixas
M1	Não aceita minhas opiniões; Responde mal.
M2	Fica parada no tempo conversando sozinha; Estuda ouvindo música e assistindo TV; Não gosta de ajudar nos afazeres domésticos.
M3	Desobediência; Mudança de comportamento; Rebeldia; Responde e fala coisas pesadas.

Foi perguntado também para as genitoras quais as características positivas e negativas que elas enxergavam em seus

filhos e o que mudariam no comportamento dos mesmos. Em seguida, questionou-se sobre as atividades que as mães realizavam junto com os filhos, como é possível observar no quadro a seguir.

Quadro 2 - Caracterização dos filhos pelas mães e atividades que realizam com eles.

	Características do filho atribuídas pelos pais		Atividades que costuma fazer com o filho	O que os pais mudariam no filho
	Positivas	Negativas		
M1	É uma boa menina, brincalhona, carinhosa, gosta de dançar e é prestativa.	Tem semanas que brinca com a mãe, outras desobedece. Não quer cumprir as regras da mãe	Procura fazer poesias, brincar de professora, brincar e dançar. Isso só não acontece todos os dias devido ao fato de a filha não morar com a mãe.	Que convivesse mais com crianças da mesma idade, não ter acesso a fofocas e assuntos com conteúdo erótico que acaba ouvindo dos adultos. Também que praticasse mais esportes.
M2	É sensível, presta muita atenção nas coisas, não mente, não gosta que as pessoas se desfaçam das outras e é carinhosa.	É calada, não gosta que ninguém fale alto com ela. Às vezes é ignorante, não gosta que a lembrem das coisas, se irrita com facilidade e é muito pensativa.	Não faz nada. Não tem o costume de fazer nada com ela, pois a filha tem o jeito dela.	Não mudaria nada.
M3	É muito carinhoso com a mãe, gosta muito de brincar, tem muita energia, muito inteligente.	Fala como adulto algumas vezes, o considera muito pequeno para algumas atitudes.	Cuidados pessoais, colocar para dormir, assistir televisão.	O comportamento, a desobediência e o estresse que ele tem.

É importante destacar que observar e valorizar as características e os comportamentos positivos dos filhos é um bom caminho para lidar com os comportamentos considerados como problemáticos, por vezes evidenciados pelos pais. Entre as características positivas que as mães apontaram para seus filhos, a que mais se repetiu foi “ser carinhoso”.

M1, diz que a filha é uma boa menina, brincalhona, carinhosa, gosta de dançar e é prestativa. M2 relatou que a filha é sensível, presta muita atenção nas coisas, não mente, não gosta que as pessoas se desfaçam das outras e é carinhosa. M3 apontou que seu filho gosta muito de brincar, tem muita energia e é muito inteligente.

Como características negativas, tanto M1 como M2 apontam algumas desavenças que possuem com as filhas, a primeira afirma que a menina não quer obedecer suas regras, enquanto a segunda afirma que a menina é muito calada e às vezes é ignorante. M2 ainda atribuiu o fato de a menina ser calada e pensativa como aspecto negativo, além de considerar que a filha se irrita com facilidade e não quer ajudá-la nas tarefas de casa. M3 considera que o filho se porta como adulto, o que ela considera como negativo e precoce para sua idade (quatro anos).

Sobre as atividades que realizam com os filhos, M1 procura fazer poesias, brincar de escolinha e dançar, a mesma afirmou que não faz mais coisas com a filha pelo fato de ambas não morarem juntas. M2 afirmou não realizar nenhuma atividade com a filha, pois acredita que a menina tem seu jeito de ser. M3 relatou que as atividades que

realiza junto com o filho são mais relacionadas a cuidados pessoais, colocar para dormir e assistir TV.

Sobre o que mudariam nos filhos, M1 gostaria que a filha convivesse mais com crianças da sua idade e praticasse algum esporte. M2 disse que não mudaria nada. M3 gostaria de mudar o comportamento, a desobediência e o estresse que o filho tem.

Quadro 3 - Práticas educativas utilizadas.

	Como você age em relação à educação de seu filho	Razões para agir assim	Dificuldade na educação do filho
M1	Tem momentos que é nervosa, grita, principalmente quando a filha não a atende. É firme e rígida.	Tem consciência que isso não resolve, mas age desse jeito para poder conversar com a filha longe dos outros. Irrita-se se chama e a filha não vai.	Perdeu o convívio com a filha. Acredita que se morassem juntas, a dificuldade seria apenas a financeira.
M2	Deixa bem à vontade, brincar a vontade. Acredita que o que a filha não faz, acontece porque a mãe que não a incentivou fazer.	Para ver se a filha tem força de vontade para fazer as coisas que deve fazer por conta própria.	Às vezes fica dando exemplos de coisas que não gostaria que a filha fizesse e que algumas meninas da mesma idade fazem, mas a menina não gosta de ouvir conselhos da mãe.
M3	Ensina a ser uma boa pessoa, a dividir as coisas, a ser educado, respeitar os mais velhos, saber brincar e procura conversar com o filho.	Quer que o filho seja bom quando crescer. Tem medo de o mesmo sofrer e de ir para caminhos errados.	Conversa mas não atende, não faz.

Sobre como agem na educação com os filhos, M1 apontou que deixava a filha bem à vontade para brincar e fazer o que gosta. Ela acredita que se a menina não quer fazer algo, é porque a mãe não a estimulou. M2 afirmou que costumava ficar nervosa e gritar em alguns momentos quando percebia que a filha não atendia seu chamado; considera-se firme e rígida. M3 disse que costuma ensinar o filho a ser uma boa pessoa, a dividir suas coisas, ser educado e respeitar os mais velhos. Afirmou ainda que conversa bastante com o filho.

Questionadas sobre o motivo de agirem dessa forma, M1 afirmou que deixa a filha a vontade para ver se a menina faz suas obrigações por vontade própria, sem a pressionar. M2 reconhece que esses métodos não funcionam, mas acredita ser um meio de chamar atenção da filha para que ambas possam conversar longe de outras pessoas, como pessoas da sua família, por exemplo. M3 afirmou ter medo de que o filho sofra e vá por caminhos errados, essa seria a justificativa de educar o filho do modo que educa.

Sobre as dificuldades na educação dos filhos, M2 e M3 relataram que tentam conversar com os filhos, a primeira relatou que expõe exemplos de comportamentos considerados por ela como errados e cometidos por crianças de sua idade. Ambas as mães afirmaram que eles não as atendem. M1 atribuiu a distância da filha como empecilho para educá-la, acredita que se morassem juntas, as dificuldades seriam apenas as limitações financeiras.

Quadro 4- Suporte familiar na educação dos filhos e mudanças no ambiente de casa.

O que poderia ser mudado no

Ajuda de outros membros da casa na educação do filho

		ambiente da casa	
Parente	Como ajuda	Aspecto físico	Aspecto psicológico / relacional
Não tem ninguém que a ajuda.	Considera que os membros da família não ajudam, só atrapalham.	Gostaria que a casa fosse mais espaçosa para trazer outras crianças da idade da filha.	Acaba fazendo o que a filha quer. Não queria que a filha a visse triste ou brigando.
O padrasto.	Não se envolve muito na educação porque não é pai.	Não mudaria nada.	Ser mais amiga da filha.
A irmã.	Às vezes briga, conversa, bate porque o acha genioso. O pai fica muito pouco tempo com o filho devido ao trabalho, mas não tem paciência, briga com o menino.	Uma casa maior para o filho criar bichos de estimação e mais camas e quartos na casa, pois são muito pequenos.	Ter mais paciência.
O pai.			

Embora duas das mães (M2 e M3) afirmaram possuir ajuda na educação dos filhos, as mesmas relataram que as figuras paternas não são muito presentes na educação devido um não ser pai biológico e o outro não ter muito tempo e paciência, brigando muito com o menino por esse motivo. M3 ainda afirmou contar com a ajuda da filha mais velha. M1 afirmou não contar com a ajuda de ninguém, acreditando que os membros de sua família não a ajudam, só a atrapalham.

Em relação ao que mudariam no ambiente físico de casa, M2 alegou que não mudaria nada, já M1 e M3, gostariam que suas casas fossem maiores e mais espaçosas, o que possibilitariam a elas e aos filhos mais comodidade. M1 gostaria de levar outras crianças para sua casa e M3 afirmou uma casa maior permitiria que seu filho criasse seus bichos de estimação e mais quartos e camas na casa.

Referente ao que mudariam em seu aspecto psicológico/ relacional para com os filhos, M2 gostaria de ser mais amiga, M1 de não fazer tudo que a filha quer e não demonstrar tristeza e nem brigar na frente da filha; a última, M5 gostaria de ter mais paciência ao lidar com os problemas relacionados à educação de seu filho.

Quadro 5 - Expectativas em relação ao programa.

Expectativas

- | | |
|-----------|--|
| M1 | “Aprender e ajudar a outras pessoas, conscientizar sobre temas que estão aí. Aprender a discutir com ela certos assuntos, ter suporte para ajudar a filha a se defender em determinadas situações, como sexualidade e drogas”. |
| M2 | “Espero sair com mais experiência, aprender mais. Cada semana é uma atividade, quero passar o que aprendi com ela”. |
| M3 | “Aprender mais, ter mais paciência, que o comportamento dele melhore”. |

Muitas mães chegaram ao grupo de orientação cheias de expectativas de que o GO pudesse auxiliá-las a lidar com problemas oriundos do processo de educação dos filhos e outros problemas relacionados aos seus papéis como mães. Como exemplos disso, todas as genitoras foram unânimes ao afirmarem que gostariam de aprender com o grupo. M1 gostaria de ajudar a outras pessoas com o que aprendeu e discutir com a filha certos assuntos como questões de sexualidade e drogas. M2 ainda acrescentou que gostaria de passar o que aprendeu para a filha e sair com mais experiência do GO. M3 afirmou querer ter mais paciência e que o comportamento do filho melhorasse.

Resultados da Entrevista Final:

Nesta seção não constarão os resultados de M3, devido a mesma não ter respondido a última entrevista, pois parou de frequentar o grupo na sétima sessão.

Quadro 6 - Queixas apresentadas pelas mães.

Queixas dos filhos				O que aconteceu com a queixa		
	M1	M2	M3	M1	M2	M3
Queixa 1	-Responde muito.	-Fica parada no tempo, conversando só.	-O jeito de falar é infantilizado.	Melhorou 50%, não está como eu queria, até porque eu só a vejo no final de semana.	-Desapareceu, porque estou observando mais ela, estou falando mais com ela.	-O jeito de falar continua o mesmo, infantilizado.
Queixa 2	-Rejeita as minhas opiniões.	-Estuda ouvindo música e assistindo TV.	Não aceita a opinião dos outros.	Mas estamos saindo juntas, ela está tendo iniciativa nas tarefas e não me interfere.	-Não melhorou, ela continua pensando que dessa forma estuda melhor, então acho que esse é o jeito dela estudar.	-Melhorou bastante, eu conversei com ele sobre isso. Às vezes aparece, mas não como antes.
Queixa 3	0	-Não gosta de ajudar a fazer as coisas de casa.	Tem medo de escuro e de espelho.	0	-Não melhorou, ela continua pensando que dessa forma estuda melhor, então acho que esse é o jeito dela estudar.	-Continua do mesmo jeito, não mudou nada.

Ao responderem a entrevista inicial, as mães relataram as queixas que as incomodavam em seus filhos, ao finalizar o grupo foram feitas as mesmas perguntas relacionadas às queixas iniciais para perceber o que poderia ter sido modificado. M1 relatou que a filha melhorou 50% em relação as duas queixas que descreveu na entrevista inicial, afirmou que a situação ainda não está como ela gostaria, por continuar vendo pouco a filha, mas a menina tem melhorado seu comportamento referente as tarefas. Sobre as queixas, M2 afirmou que a primeira desapareceu e acredita que isso se deve ao fato de estar observando e dialogando mais com a filha. A segunda queixa não se modificou segundo M2, porém, a mãe passou a tentar aceitar o jeito da filha estudar. A última queixa referente a não realizar as tarefas domésticas, M2 afirmou que houve poucas melhoras, mas atribuiu a si mesma o comportamento da filha, uma vez que não costuma pedir ajuda, reconhecendo que a menina pode não estar acostumada a tarefas desse tipo.

Quadro 7 - Pontos positivos e negativos das mães quanto ao grupo de orientação, entrevista final, quais as mudanças que aconteceram com elas.

	Pontos positivos	Pontos negativos	O que mudaram em relação ao grupo
M1	-Gostei das dinâmicas; -Gostei de discutir vendo outras opiniões, e da professora trazer um tema e a gente discutir.	-Não é que não gostei de brincar com as mães, mas já passei dessa fase; -Não gosto de coisas monótonas, digamos que me senti ridícula.	-Me senti mais útil, mais ativa por estar em contato com outras mães, era uma relação de troca, em que se ensina e aprende, entra em contato com outros problemas. -Melhorei o jeito de tratar minha filha. Estou falando mais calma, sem gritos.
M2	-Aprender muita coisa e colocar em prática; -Perceber os problemas de outras pessoas e perceber que não sofre aquilo sozinha.	-Nenhum	-Tento ensinar a outros pais também o que aprendo, dizendo para educarem sem bater por exemplo.
M3	Foi uma oportunidade de lidar com essa situação e até o estresse que isso me causa. Aprendi no grupo que às vezes temos que ter paciência e persistência, pois nem sempre sabemos se estamos fazendo a coisa certa, mas temos que perseverar, pois não existe receita pronta para criar filhos, mas vejo que estou no caminho certo.	-Nenhum	Não que eu tenha percebido.

Ao serem questionadas quanto aos aspectos positivos do grupo, M1 disse que gostou de discutir os temas que eram trazidos para as sessões do GO e que gostava também dos momentos das dinâmicas. M2 relatou que aprendeu muito com o grupo e pretende colocar em prática. Relatou ainda que ouvir outras pessoas que sofrem do mesmo problema

ou de algum problema semelhante ao dela a confortava de alguma forma, porque percebia que não estava sozinha. M3 afirmou que foi uma oportunidade de lidar com as situações que permeiam sua família e o estresse que isso causa, ao passo que aprendeu a ter mais paciência.

Quanto aos pontos negativos, M1 relatou que se sentiu de certa forma ridícula, por brincar com as mães, pois já tinha passado dessa fase, achou um pouco monótono, gosta de atividades mais dinâmicas nas quais ela possa falar mais. M2 e M3 afirmaram que não tinha nenhum ponto negativo, o grupo foi todo composto de momentos positivos.

DISCUSSÃO

Ao analisar os resultados obtidos com os instrumentos utilizados no GO, é possível perceber que as preocupações das mães quanto ao futuro das crianças são relacionados à educação, desobediência, contato com más companhias e desenvolvimento na escola. As entrevistas mostraram também as mudanças no comportamento das próprias mães, pois se mostraram como mais atentas aos filhos e tendo um contato maior com eles. Esses dados vão de acordo com alguns encontrados no trabalho de orientação a mães de Biasoli-Alves (2005), no qual a autora aponta que as mães passaram a ter um maior envolvimento nas atividades dos filhos e aumentaram sua capacidade de compreensão.

O olhar mais atento à criança se torna indispensável na construção de uma boa relação pai-filho, ao mesmo tempo em que possibilita aos pais entenderem melhor a criança, pôr-se em seu lugar e assim promoverem uma relação mais positiva e afetiva, uma vez que “os pais são, usualmente, o principal agente de mudança no processo terapêutico se seus filhos, atuando como mediadores entre a orientação profissional e a implementação de contingências favoráveis à mudança da criança em seu ambiente natural” (MESTRE & CORASSA, 2002; SILVARES, 1995 *apud* COELHO E MURTA, 2007, P. 334).

Observa-se que as mães apontaram opiniões positivas em relação às boas práticas educativas, enfatizando suas aversões no que tange a métodos coercitivos, como gritar e bater. Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) apontam que reconhecer comportamentos que propiciam e/ou mantêm comportamentos considerados como problemáticos, pode ser de extrema importância, principalmente quando o objetivo é voltado para a resolução do problema através da aprendizagem de práticas educativas positivas e mais eficazes. As mães também relataram sobre o interesse que sentem em transmitir para as pessoas próximas o aprendizado adquirido, de modo que mais pessoas possam acertar e se sentirem satisfeitas com a educação de seus filhos.

Algumas genitoras que compareceram as sessões, apontaram melhoras no comportamento das filhas. A primeira, M1, antes reclamava que a filha não aceitava suas regras e desobedecia, após as sessões do GO, pôde afirmar que estão saindo mais e estão mais próximas, mas reconhece que o fato de não morarem juntas dificulta sua relação com a menina. Em M2 foi possível notar um olhar mais atento para com a filha, entendendo que a menina tem seu jeito de ser e que sua atitude de estudar ouvindo música pode ser um método que a mesma considere eficiente, ao mesmo tempo em que percebeu que a falta de iniciativa da menina para realizar certas atividades pode estar relacionado ao próprio comportamento da mãe e não exclusivamente ao da filha.

Comparando as entrevistas iniciais e finais, percebe-se algumas mudanças entre as primeiras e últimas aplicações dos instrumentos, podendo estar relacionadas a vários aspectos relatados pelas mães sobre o aprendizado no grupo de orientação, uma vez que elas afirmaram que aprenderam muito, pois o grupo possibilitou uma relação de troca na qual as mães compartilham problemas e experiências, aumentaram o diálogo e estão mais atentas aos filhos. Estar mais atento aos filhos é positivo no reconhecimento de qualidades e problemas antes não percebidos. Nesse contexto os grupos de orientação (GO) cumprem importante função, pois a discussão sobre as práticas parentais pode levar os pais a mudarem modos de pensar e até mesmo de agir (PARDO, CARVALHO & SANTOS, 2012).

Algumas mães também trouxeram em seus relatos a pouca participação da figura paterna na educação dos filhos, deixando as mães encarregadas de lidar com essa tarefa. CIA e colaboradores (2006) em seu estudo perceberam que as mulheres se sentem mais desafiadas em cuidar, estabelecer regras e limites para os filhos, já que os pais exercem essa função, mas com uma certa distância. Esses mesmos autores apontam que a figura do homem pode ser benéfica para a criança e a mãe, uma vez que a mãe pode receber dele suporte e apoio para lidar com os filhos.

O Grupo de Orientação mostrou-se positivo para as mães que o frequentaram. Apesar dos resultados relacionados ao modo de lidar com os filhos, é relevante apontar que algumas mães trouxeram muitos problemas familiares que muitas

vezes ultrapassavam os objetivos do grupo, o que aponta a necessidade de outros tipos de intervenções que não são abarcadas pelo GO.

CONCLUSÃO

O grupo de Orientação a Pais consiste em um apoio para pais e cuidadores que se veem na difícil tarefa de educar seus filhos e buscam ajuda para os problemas encontrados. Este trabalho teve como propósito abordar os relatos das mães antes e após a participação em um dos GOs. Nota-se que o grupo além de ser um suporte no processo educacional, torna-se também um espaço no qual as mães podem ser ouvidas e orientadas sobre a importância da relação entre pais e filhos.

Embora não se tenha percebido grandes mudanças em relação às queixas, o que se percebe e não pode deixar de ser um dado interessante, é o aprendizado relatado pelas mães, a concepção de que se precisa aprender e estar aberto para novas possibilidades, é o primeiro passo para o processo tanto terapêutico como psicoeducacional. Deve-se levar em consideração que as mudanças comportamentais muitas vezes levam tempo para apreenderem com maior evidência, tempo este que pode exceder as oito semanas de duração do GO.

No que tange as limitações, nota-se a dificuldade em conseguir um grande número de participantes. A literatura mostra que pode haver dificuldade em trabalhar com algumas populações em caráter preventivo (BOLSONI-SILVA et al., 2008) ou podem existir outros problemas, como dificuldade para o deslocamento ao local onde as sessões são realizadas, que não são do conhecimento dos organizadores e são difíceis de controlar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 3ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. (2005). Orientação de Pais: Partilhar Conhecimentos sobre Desenvolvimento e Práticas de Educação como Estratégia de Intervenção. *Texto Contexto Enferm*, 14:64-70, 2005.

BOLSONI-SILVA, A. T. & MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235, 2002.

BOLSONI-SILVA, A. T., SILVEIRA, F. F., & MARTURANO, E. M. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(2), 125-142, 2008.

BOLSONI-SILVA, A. T., LOUREIRO, S. R. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidea*, v.21, n. 48, 2011.

CIA, F., PEREIRA, S. C., DEL PRETTE, Z. A., DEL PRETTE, A. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em estudo*, v. 11, n. 1, 2006.

COELHO, M, V., MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estud. psicol.* (Campinas). v. 24, n. 3, p 333-341, 2007.

PARDO, M. B. L.; CARVALHO M. M. S. B.; SANTOS, A. B. (2012). Os filhos na perspectiva dos pais: relatos a partir de um grupo de orientação. VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_19/PDF/7.pdf>.

Sobre as autoras:

Katiane dos Santos Costa – Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBIX. E-mail: katianecosta09@gmail.com

Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho – Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Especialista em Educação Especial

Maria Benedita Lima Pardo – Professora Associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Psicologia Experimental e Pós-doutoramento em Educação Escolar.
E-mail: pardombl@hotmail.com

Grupo de Orientação a pais e prevenção de necessidades educacionais especiais

Financiamento: Este trabalho conta com o apoio do PIBIX/PROEX/UFS.